



AS MULHERES E AS CONDIÇÕES DE LAZER NO MEIO RURAL

Maria Simone Vione Schwengber¹, Cauana Peyrot Conceição², Naira Leticia Giongo Mendes Pinheiro³

1 - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ . Doutora em Educação (Programa de Pós-Graduação em Educação UFRGS).

2 - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. Mestranda em Educação nas Ciências – UNIJUÍ.

3 - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. Doutoranda em Educação nas Ciências – UNIJUÍ.

RESUMO

Este artigo desmembra-se de um projeto de pesquisa desenvolvido entre 2013 e 2015, o qual estudou as experiências de lazer de 223 mulheres rurais de seis assentamentos rurais. Analisando as atividades de lazer desse conjunto de mulheres, localizamos um grupo de 19 mulheres (8,5%) que afirmam vivenciar as atividades físico-esportivas mobilizadas a partir das simbologias do futebol e do futsal. Desse modo, questionamos: quais as condições que possibilitaram que esse grupo de mulheres rurais engendrassem em suas vidas o lazer físico-esportivo? Os dados foram produzidos mediante entrevistas semiestruturadas com as 19 mulheres e analisados por meio da estratégia da análise do discurso. Os resultados indicam algumas condições de possibilidades, tais como: que essas mulheres têm uma prática físico-esportiva de domínio básico do futebol/futsal constituída a partir do que chamamos de pontos de apoio, ou seja, as aulas de Educação Física escolar e o grupo de pares quando acampadas/assentadas. Constatamos que a infraestrutura do espaço como o do ginásio esportivo nesse assentamento é fundamental para articulação do espaço de lazer. Essas mulheres concebem o lazer como um lugar de paridade das condições enunciativas do “se ele joga, eu também jogo”.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres Rurais, Lazer, Práticas físico-esportivas.

WOMEN AND THE CONDITIONS OF LEISURE IN THE RURAL ENVIRONMENT

ABSTRACT

This paper has derived from a research project carried out from 2013 to 2015, which approached the leisure experiences of 223 country women in six rural settlements. By analyzing the leisure activities of those women, we spotted a group of 19 women (8.5%) stating that they performed physical/sports activities with a focus on the symbology of soccer and indoor soccer. We put the following question: What are the conditions that enabled this group of country women to integrate physical/sports leisure activities in their lives? Data were obtained by means of semi-structured interviews with those 19 women, and were later

analyzed with the use of discourse analysis. The results have evidenced some conditions of possibility, for instance, those women have gained basic knowledge of soccer and indoor soccer as physical/sports practices along their Physical Education classes at school and together with their peers in the settlement. We have found out that some facilities, such as the settlement sports gym, have been fundamental as a leisure place. Those women have regarded leisure as a place of parity of enunciative conditions like “he plays, I play, too”.

KEY-WORDS: Country women, Leisure, Physical-sports activities.

LAS MUJERES Y LAS CONDICIONES DE OCIO EN EL ENTORNO RURAL

RESUMEN

Este artículo es parte de un proyecto de investigación desarrollado entre 2013 y 2015, que estudió las experiencias de ocio de 223 mujeres rurales de seis asentamientos rurales. Al analizar las actividades de ocio de este grupo de mujeres, ubicamos a un grupo de 19 mujeres (8,5%) que afirman experimentar las actividades físico-deportivas movilizadas de las simbologías del fútbol y el fútbol sala. De esta manera, preguntamos: ¿qué condiciones permitieron a este grupo de mujeres rurales engendrar ocio físico y deportivo en sus vidas? Los datos se produjeron mediante entrevistas semiestructuradas con las 19 mujeres y se analizaron a través de la estrategia de análisis del discurso. Los resultados indican algunas condiciones de posibilidad, tales como: que estas mujeres tengan una práctica físico-deportiva de fútbol básico / dominio de fútbol sala constituida a partir de lo que llamamos puntos de apoyo, es decir, las clases de Educación Física y el grupo de parejas al acampar / sentarse. Encontramos que la infraestructura del espacio como la del gimnasio deportivo en este asentamiento es fundamental para la articulación del espacio de ocio. Estas mujeres conciben el ocio como un lugar de paridad en las condiciones enunciativas de "si él juega, yo también juego".

PALABRAS- CLAVE: Mujeres rurales, Ocio, Prácticas físico-deportivas.

INDAGAÇÕES E DESDOBRAMENTOS DE PESQUISA

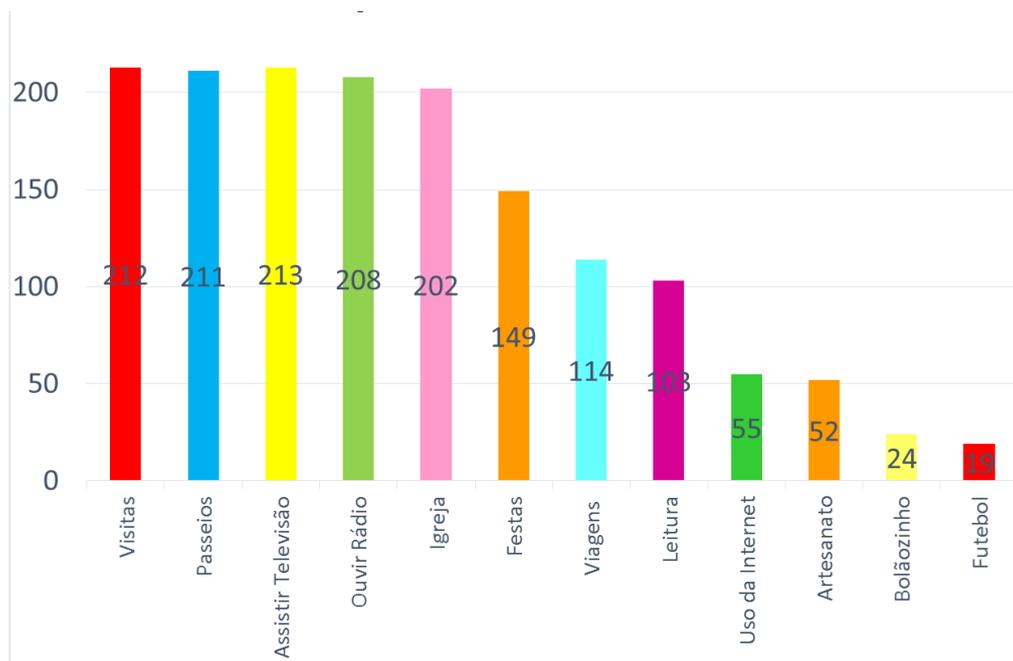
Este artigo parte de uma pesquisa mais ampla, “Mulheres Rurais, Cuidados de si e Práticas de Lazer”, realizada com fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A pesquisa decorreu de um diagnóstico situacional das atividades e práticas de lazer de um grupo de mulheres rurais do município de Joia/RS¹, no período de 2013 a 2015. Esse município foi escolhido por ter apresentado aumento da população rural nas últimas duas décadas, devido à criação de seis assentamentos de Reforma Agrária/MST e dois reassentamentos de atingidos por Barragens/MAB.

Como parte dos resultados obtidos a partir de entrevistas realizadas com 223 mulheres rurais, encontramos as seguintes atividades/práticas de lazer: visitas, passeios, ouvir rádio,

¹ Conforme dados do IBGE (2010), a população total do município de Joia/RS é de 8.331, sendo que a população rural é de 74,9%, num total de 6.158 pessoas, e a população urbana é de 25,1%, num total de 2.219 pessoas. É uma cidade que se destaca no estado por acolher oito assentamentos agrários. O Núcleo Operacional de Joia é composto por seis assentamentos – Barroca, Ceres, Rondinha, Tarumã, Simon Bolívar e Botão de Ouro – e dois reassentamentos de atingidos por barragens: Novo Amanhecer e Trinta e Um de Maio, compreendendo em torno de 704 famílias assentadas e reassentadas.

assistir televisão, práticas religiosas, uso de tecnologias no contexto familiar, festas comunitárias, artesanato e atividades físico-esportivas mobilizadas a partir das simbologias do futebol e do futsal, como podemos observar no gráfico abaixo.

Figura 1 – Gráfico das atividades de lazer



Fonte: AUTORAS, 2017.

Dessas 223 mulheres, chamou-nos a atenção o fato de que apenas dezenove delas (o que corresponde a 8,5%) dizem praticar um lazer físico-esportivo. Como se observa, a inatividade física, ou ainda, as formas contemplativas predominam como atividades de lazer. Dumazedier² (2000) postula que o lazer pode ser praticado sob três formas: contemplativo, de conhecimento/cultura e físico-esportivo. Assim, apenas essas dezenove mulheres que vivem em um único assentamento, o Rondinha, afirmam vivenciar, no seu tempo destinado ao lazer, práticas de interesse corporal, físico-esportivo, a partir da simbologia do futebol/futsal.

As dezenove mulheres têm idade entre 16 e 45 anos, sendo doze casadas e sete solteiras; a maioria delas trabalha em casa e na agricultura. Quanto ao grau de escolaridade,

² Dessa forma, operaremos inicialmente com o entendimento do conceito das práticas de lazer, de acordo com Dumazedier (2000), como sendo as atividades em áreas de interesse diferenciadas. O autor (2002) classifica as atividades de lazer em categorias quanto ao conteúdo: do *universo estético*, feito de imagens, de emoções, de sentimentos (como, por exemplo: cinema, TV, igreja); do universo *intelectual*, que abrange cognição e informação (exemplo: busca de conhecimentos, jornais, revistas, acesso à literatura); do universo *físico-esportivo*, desenvolvido mediante práticas corporais e esportivas (exemplo: caminhadas, ginástica, esporte e atividades correlatas, executadas de maneira formal ou informal, em espaços tecnicamente planejados, como pistas, academias, clubes, escolas esportivas); do universo *social*, em espaços como, por exemplo, os da balada noturna (boates, *pubs* e discotecas); do universo *turístico*, desenvolvido por meio de atividades turísticas, como viagens e passeios.

quatro têm Ensino Fundamental incompleto, cinco concluíram o Ensino Fundamental, duas têm Ensino Médio incompleto, quatro concluíram o Ensino Médio e quatro estão cursando e/ou cursaram o Ensino Superior. No que se refere à religião, dezoito são católicas e uma é evangélica. Quanto ao número de filhos, cinco têm três filhos, quatro têm dois filhos, quatro têm um filho e seis não têm filhos.

A escolha das mulheres³ rurais como sujeitos da pesquisa se constitui como um exercício político de dar visibilidade à vida e às experiências em relação ao lazer. As mulheres rurais (suas histórias) como objeto de estudo, são ainda pouco estudadas na literatura brasileira. No campo de gênero, há o entendimento de que existem objetos de estudos e sujeitos que são pouco conhecidos e/ou levados em consideração, ou, ainda, condenados ao silêncio. Outro aspecto que justifica a opção pelo tema diz respeito à quantidade razoável de estudos sobre o lazer no meio urbano⁴ e poucos estudos sobre o lazer no meio rural, sobretudo das mulheres. Destacamos que optar por compreender as experiências de lazer das mulheres rurais é uma possibilidade de participação nessa disputa política pelo lugar do discurso – aqui os das mulheres rurais.

Nosso investimento analítico busca, manter aberto o diálogo sobre a problemática do lazer de um grupo de mulheres rurais e com abertura e contribuição ao debate. Este artigo visa estudar um grupo de mulheres rurais de modo particular, uma vez que, geralmente, as práticas corporais/esportivas são pouco nomeadas como lazer, tanto por mulheres do meio rural quanto por mulheres do meio urbano brasileiro. Hankonen (2017) corrobora essa afirmação quando diz que, apesar de as mulheres representarem a maior parcela da população brasileira em termos percentuais, o número de brasileiras que mantêm a prática regular de atividade físico-esportiva é menor em comparação ao dos homens. Seus dados evidenciam que uma em cada três mulheres (33,4%) não realiza qualquer atividade física como lazer, enquanto que esse percentual entre os homens chega a 42,7%. Tal cenário é agravado quando as condições sociais não são favoráveis (HANKONEN, 2017).

Schwengber, Pinheiro e González (2018) e Pilcher (2011) apontam o quanto o lazer é marcado por questões relacionadas à construção de gênero. Destacamos que as práticas de lazer não são neutras, mas revestidas de valores e significados diferentes entre os gêneros.

³ Optamos por utilizar expressão “as mulheres”, que tem a ver com uma opção teórica feminista que assumimos, baseada em Louro (1997) e Meyer (2006), de pensar a pluralidade de sujeitos femininos a partir de múltiplos atravessamentos, tais como: raça, geração, etnia, classe, religião. Concordamos com as autoras quando estas afirmam que não há a “mulher”, mas sim as mais diversas “mulheres”, e que aquilo que forma a pauta de reivindicações de umas, não necessariamente forma a pauta de outras.

⁴ Relacionados aos espaços, as políticas, aos comportamentos, entre outros recortes de estudo.

Esta pesquisa utiliza o gênero como categoria analítica e histórica, em consonância com Meyer (2006), pensando-o como uma construção social, educativa, cultural e linguística, entrelaçada aos dispositivos que posicionam mulheres e homens, diferenciando-os, distinguindo-os, separando-os. Portanto, levamos em consideração que as variáveis de gênero afetam as decisões de adoção de um estilo proativo no lazer. É possível dizer que as práticas de lazer são diferentes entre homens e mulheres, assim como as expectativas e horizontes de práticas sociais relativas ao gênero feminino são marcadas geralmente por restrições.

Pode-se dizer que as mulheres brasileiras, como destacam Schwengber, Pinheiro e González (2018, p. 58), são marcadas por “experiências parcas de lazer” em termos de práticas corporais e esportivas. As mulheres têm mais “tendência e facilidade de abrir mão de seu lazer diante do ato de cuidar do outro” e “deslocam com mais facilidade sua atenção e interesse de experiências de si para as experiências com outros” (SCHWENGBER, PINHEIRO E GONZÁLEZ, 2018, p. 58).

Schwengber, Pinheiro e González (2018) mostram que as mulheres brasileiras compartilham desigualdades em lazer quando comparadas aos homens porque a disponibilidade de tempo de uma mulher é menor e mais fragmentada do que a disponibilidade deles. Mulheres têm menos oportunidades de envolver-se em atividades de lazer e praticam um lazer doméstico, com atividades não estruturadas. Um dos fatores que produzem essas diferenças entre gêneros é que socialmente se espera que as mulheres se comprometam emocionalmente com suas famílias e seus lares, e esse comprometimento geralmente leva-as a dedicarem grande parte do seu tempo a atividades como o trabalho do interior da casa e com o cuidado dos filhos. A maioria das mulheres, especialmente as mulheres-mães, estão mais propensas a estabelecer seu lazer em torno de suas responsabilidades familiares. As mulheres justificam sua parca participação em atividades de lazer por conta da falta de tempo e dificuldade em conciliar este tempo com o trabalho e a família. Assim, percebe-se a importância do apoio familiar, no sentido de minimizar os efeitos das restrições interpessoais às práticas de lazer (SCHWENGBER, 2006).

Avital (2017) aponta algumas diferenças nos modos como homens e mulheres praticam o lazer. Entre as mulheres rurais, há um maior envolvimento com o cuidado familiar e também de animais de estimação, jardinagem, horta e atividades manuais, como costura, artesanato, tricô, crochê, entre outras, as quais são nomeadas como atividades de lazer. Já os homens envolvem-se mais com atividades físicas e desportivas, atividades externas ao ambiente doméstico (AVITAL, 2017).

Apesar de o lazer ser considerado uma necessidade humana (GOMES; ISAYAMA, 2015), assim como alimentação, moradia, segurança e saúde, inúmeros sujeitos não desfrutam ou tem poucas experiências de práticas de lazer. Nesse sentido, interessa-nos compreender as condições de possibilidade para que esse grupo de mulheres rurais inclua nas suas vidas o lazer físico-esportivo. Desse modo, questionamo-nos: quais as condições que possibilitam que esse grupo de mulheres rurais engendram em suas vidas o lazer físico-esportivo?

LAZER E GÊNERO ALGUMAS APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Operamos inicialmente com o conceito de lazer, de acordo com Dumazedier (2000) e Marcellino (1990). Compreendemos por lazer, mais do que um tempo residual do tempo de trabalho, um tempo de liberdade, com potencial para o exercício de escolhas; um tempo que pode efetivamente ser preenchido (ou não) por atividades, manifestações culturais. Conforme aponta Dumazedier (2000, p. 34), o lazer é uma atividade em que o sujeito tem a liberdade de entregar-se, “[...] divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária”.

O lazer é postulado “[...] como a harmonia entre a atitude, o desenvolvimento integral e a disponibilidade de si mesmo. É um estado mental ativo associado a uma situação de liberdade, de habilidade e de prazer” (GAELZER, 1979, p. 54). Compreendemos a socialização humana e a harmonia individual e coletiva como artefatos ajustados a partir da cultura. Dumazedier (2000) nessa direção, afirma que o lazer pode dizer das atividades que oportunizam a vivência e também da estimulação das emoções/excitações (tensão-excitação das emoções) de forma individual e coletiva.

Dumazedier (2000) toma o lazer como atividades em áreas de interesse diferenciadas que compõem um todo interligado. O autor classifica as atividades de lazer em categorias quanto ao conteúdo: do universo estético feito de imagens, de emoções, sentimentos, (cinema, TV, igreja); do universo intelectual: cognição, informação, (busca de conhecimentos, jornais, revistas, acesso à literatura); do universo físico: desenvolvido através de práticas corporais e físico-esportivas (caminhadas, ginástica, esporte e atividades correlatas, executadas de maneira formal ou informal, em espaços tecnicamente planejados, como pistas, academias, clubes, escolas esportivas; do universo social: busca do indivíduo para relacionar-se socialmente (balada noturna, boate, pubs, discotecas, bailes); do universo turístico: desenvolvido através de atividades turísticas (viagens, passeios).

Já para Elias e Dunning (1992, p. 111), o lazer é pensado a partir da ideia da fruição de "emoções agradáveis", de uma ocupação não remunerada por livre escolha, mas, antes de tudo, uma ocupação agradável para si mesmo. Para Marcellino (1990, p. 31), o lazer é compreendido como elemento cultural, nesse sentido afirma que

[...] no seu sentido mais amplo - vivenciado (praticado ou fruído) no tempo disponível. É fundamental, como traço definidor, o caráter 'desinteressado' dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa.

Desse modo, dialogando com Marcellino (1990) consideramos o lazer como uma esfera da vida que engloba o tempo, o espaço, do qual cada um se apropria para o lazer, ou seja, a cultura de cada sujeito envolvido neste processo. De acordo com autor (1990, p. 32) “a cultura compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no seu tempo disponível.” Dessa forma entende-se que o lazer está relacionado com o tempo disponível e atividades prazerosas as quais, o sujeito escolhe a ação e o tempo a realizá-la, através de atividades individuais e coletivas de diferentes interesses, proporcionando uma melhora na sua qualidade de vida de forma consciente.

A inclusão do lazer como direitos sociais na Constituição Brasileira de 1988, teoricamente passa a representar um caráter universal e democrático, destacando que tais direitos deveriam ser de todos e todas. Isso parece ser tensionado dos ventos sócio-culturais da contemporaneidade identificando uma “consciência de gênero” que busca a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Goellner, Botelho-Gomes e Silva (2012) assinalam a pouca atenção dada pelos estudos de gênero às experiências de lazer de mulheres no âmbito esportivo.

Ao tomarmos os conceitos de gênero e a temática do lazer com caráter físico-esportivo, compreendemos que “as preocupações teóricas relativas ao gênero como categoria de análise só apareceram no final do século XX” (SCOTT, 1995, p. 89). Para a autora “o termo gênero faz parte das tentativas levadas pelas feministas contemporâneas para reivindicar certo campo de definição, para insistir sobre o caráter inadequado das teorias existentes em explicar desigualdades persistentes entre mulheres e homens” (p. 19).

As práticas físico-esportivas ainda estão interligadas culturalmente com o gênero masculino. Podemos assim evidenciar que as experiências de lazer nas dimensões físico-

esportivas, sobretudo o futebol⁵ é tido ainda como atividade predominantemente masculina e “masculinizada” e por isso considerado atividade que exige virilidade (no sentido masculinizado). No entanto, as mulheres rurais aqui pesquisadas veem ganhando força e vez no que diz respeito a experimentação desse lazer, e isso reflete-se na quadra/ campo onde esse grupo de mulheres rurais, anunciam: “vamos para a quadra e jogamos, eles querendo ou não.”.

Contextualizamos historicamente os discursos sobre as experiências de lazer e as mulheres a partir da categoria de gênero. Compreender as relações de gênero como pertencentes aos discursos de ordem social, cultural e religiosa, permite entender não somente a posição das mulheres, mas também a relação entre masculinos e femininos, quando gênero torna-se uma categoria histórica, datada e contextualizada.

O estudo, a partir do uso da categoria de análise de gênero como suporte teórico para investigação, permite-nos compreender como os diferentes discursos sobre as mulheres e homens foram sendo gerados e como participam dessas formações discursivas, enfocando “as tensões e as contradições que se estabeleceram em diferentes épocas”, entre as mulheres e seu tempo, “entre elas e a sociedade nas quais estavam inseridas” (DEL PRIORE, 2001, p. 84).

Conforme destaca Louro (1997),

não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se construir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental (LOURO, 1997, p. 21).

Como uma forma de aquisição de direitos igualitários entre homens e mulheres, tanto no esporte, como na política e na sociedade em geral surgem estudos sobre as vidas femininas, onde alguns destes estudos apresentaram como referência fundamental às ideias e teorizações marxistas, outros, as perspectivas construídas a partir da psicanálise, e também com fundamento em teorias montadas a partir de uma lógica androcêntrica (buscando explicações e teorias baseadas no feminismo) (LOURO, 1997).

⁵ Estudos apontam o esporte como sendo: “um espaço de opressão feminina; questionamento da superioridade masculina; território que pode transformar as relações de gênero; e um espaço de lutas e contestações” (JAEGER, 2006, p. 200).

Assim, como forma de preencher esta lacuna ampliando o debate de gênero, esta pesquisa analisa as práticas de lazer de um grupo de mulheres rurais.

Na próxima seção, situamos o debate teórico-metodológico da condução da pesquisa.

PERCURSO METODOLÓGICO

Procedemos à seleção das entrevistadas a partir de uma percentagem de inquéritos, em função da variação populacional de cada assentamento. No município de Joia/RS, são 704 famílias assentadas; destas, entrevistamos 223 (31,6%). Desse total, apenas 8,5% relataram a prática de um lazer físico-esportivo, o que tomamos como uma amostra de forma intencional a partir da referência ao futebol. Como elemento fundante das análises erigidas, utilizamos a tipologia de pesquisa de caráter qualitativo. Depois do inquérito inicial, compomos uma entrevista em profundidade com todas as mulheres a partir de blocos temáticos: características sociodemográficas delas e da família; trajetória até chegar aos assentamentos; forma, deslocamentos e uso do tempo livre e de lazer; cuidado consigo e com o seu semelhante, entre outros desdobramentos.

Todas as participantes selecionadas para a pesquisa confirmaram o interesse em participar, para tanto foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), através do qual foram explicitados os objetivos da pesquisa, riscos e benefícios, a garantia do anonimato e a possibilidade de desistência da pesquisa, caso julgasse necessário. As gravações foram transcritas e depois sistematizadas. Posteriormente, foi realizada a categorização das entrevistas, o que resultou na criação de categorias a serem analisadas pelo método de Análise do Discurso. Olhamos a linguagem discursiva das entrevistas, tomando-as como depoimentos ou falas, enquanto lugar de uma produção discursiva.

Visamos inicialmente a compreender o modo de funcionamento, os princípios de organização e as formas de produção social dos sentidos discursivos (FOUCAULT, 2010) a partir das entrevistas. Numa perspectiva foucaultiana (2010), procuramos situar os pressupostos que carregam os discursos, com quais estratégias se relacionam, quais as propostas enunciativas que se colocam a partir dos seus enunciados de falas. Os depoimentos são textos, o que possibilita que se tome a Análise do Discurso como um quadro de referência conceitualmente organizado, mas metodologicamente aberto. Neste artigo, apresentamos a seguir três análises, compostas a partir dos enunciados das entrevistas; são elas: a construção da prática físico-esportiva nas aulas de Educação Física escolar e no grupo de pares quando

acampadas/assentadas; o ginásio do assentamento como espaço de lazer; e a paridade das condições enunciativas do “se ele joga, eu também jogo”.

AS APRENDIZAGENS FÍSICO-ESPORTIVAS: NA ESCOLA E NO ACAMPAMENTO

Buscamos, nesta seção, destacar os sentidos atribuídos ao lazer por esse grupo de mulheres rurais. As trajetórias de vida de um sujeito não se dá no vazio social. Afinal, o sujeito é um produto de um complexo e singular processo de socialização (SCHWENGBER, PINHEIRO E GONZÁLEZ, 2018). Bauman (2015, p. 12) destaca que as práticas, aprendizagens e vivências são como um “diálogo com o mundo” e processos de interface entre os sujeitos e seus mundos. A vida organiza e estrutura as práticas a partir do cotidiano, no qual a própria prática define-se como “algo que acontece no interagir com o mundo” (BAUMAN, 2015, p. 12) e aquilo que se apresenta como relato proveniente do mundo externo ao que o sujeito pratica, vive.

Para Bauman (2015, p. 12), a vivência é produzida no curso do encontro com o que se vivencia, um tipo de produto, resultado de um “conjunto das percepções individuais dos acontecimentos em torno do eu e do outro”. As vivências como um diálogo com o mundo, sendo que com isso o “corpo existencializado” se constitui. O sujeito, na relação em direção ao mundo, vivencia enquanto ser-no-mundo.

Compreendemos que não se pode operar com a ideia de que a trajetória biográfica de um sujeito se dá no vazio social. Afinal, quando se entende que o sujeito é um produto de um complexo e singular processo de socialização, não se podem ignorar as práticas constituidoras que acontecem em um espaço social concreto (SCHWENGBER, PINHEIRO, GONZÁLEZ, 2018).

As mulheres rurais estudadas diferenciam-se das mulheres de gerações anteriores, uma vez que nasceram a partir da década de 1970 do século XX, em um cenário brasileiro marcado por uma nova linguagem dos direitos sociais. Diante disso, foram adentrando no vocabulário cotidiano, sobretudo a partir da década de 1970, termos como direitos humanos, igualdade social e cidadania feminina, o que se consolida na Constituição Brasileira de 1988. As mulheres passaram a ter maior visibilidade na lei constitucional como sujeitos ao serem igualadas aos homens, em direitos e obrigações, tais como: a igualdade social, as relações trabalhistas e a normatização de conselhos fiscalizadores e propositores de ações na esfera pública, como a escolarização e a própria dimensão do lazer como um direito social (GOMES; ISAYAMA, 2015).

Evidências empíricas de nossa pesquisa indicam que o envolvimento com as atividades vivenciadas no contexto do lazer rural no campo das práticas físico-esportivas de parte desse grupo de mulheres pode ser explicado pela variável da escolarização. Algumas dessas mulheres afirmam que tiveram seus primeiros contatos com o esporte na escola, nas aulas de Educação Física, e que eram incentivadas a jogar, tendo aprendido os ensinamentos técnico-táticos básicos a partir das simbologias do futebol e do futsal.

As mulheres que frequentaram a escola dizem que tiveram o privilégio de vivenciar um currículo de Educação Física que priorizava os esportes com bola, sobretudo o futebol e o futsal, e que assim adquiriram alguns domínios: “aprendemos a chutar e dominar a bola” (Amanda, 16 anos). A Educação Física escolar, nesse contexto, buscava o desempenho e a disposição para a competitividade. Entre outras habilidades, aprenderam o que as auxilia hoje a terem um desempenho mais qualificado para o jogo. Também afirmam terem vivido no espaço escolar alguns preconceitos, que, “mesmo perante os meninos e outras adversidades, não nos fizeram desistir” de jogar futebol (Adrielle, 16 anos).

Outras mulheres deste estudo, especialmente as mulheres com idade entre 35 e 45 anos, relataram que tiveram aprendizagens práticas físico-esportivas baseadas no futebol/futsal quando já adultas e por meio de socializações esportivas no acampamento⁶ vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Para as mulheres dessa geração, tal prática era uma forma de lazer e momento de diversão; elas jogavam bola diariamente em um campo de chão batido, com goleiras improvisadas, e dizem que aprenderam os domínios básicos com seus pares e com os companheiros no grupo a partir da prática de coletivização do acampamento e depois nos próprios assentamentos⁷.

O GINÁSIO E O CAMPO DE FUTEBOL NO ASSENTAMENTO: APROPRIAÇÕES E USOS PARA FINS DO LAZER

Nessa seção destacamos que as mulheres pesquisadas ao serem questionados sobre a manutenção de suas práticas lazer, percebemos nos seus discursos que remetem a um importante fator como o espaço - o ginásio e o campo de futebol - para tais práticas. Cunha

⁶ Para Caldart (2004), os acampamentos comparam-se a cidades “de barracos de lona” (p. 176), em referência ao material utilizado para habitação dos acampados durante a manifestação social. Os acampamentos, em alguns casos, são mantidos em lugares que possivelmente se tornarão assentamentos. O acampamento é considerado como um momento de lutas, desafios e também de rupturas e de subjetivação dos indivíduos.

⁷ Os assentamentos dos Trabalhadores Rurais tem se tornando uma ferramenta ímpar, constituída pelo poder popular para a luta pela Reforma Agrária, sobretudo no Brasil. Aqui a expressão *assentamento* é entendida como um fim, não apenas para identificar a área de terra no campo de demandas da Reforma Agrária, mas uma área destinada à agropecuária.

(2003, p. 31) faz um alerta importante: “ora, o que exatamente tem o social a ver com o espaço”? Trava-se, pois, um diálogo entre seres humanos e espaço; o espaço possui uma importância crucial, pois produz a organização da convivência. As condições de convívio e lazer (sociabilidade) vinculam “atributos estéticos ao lugar” (CUNHA, 2003, p. 31). Tomamos aqui como importantes os espaços impulsionadores da prática do lazer físico-esportivo: o ginásio e o campo de futebol localizados na sede do assentamento.

Esses espaços, o ginásio e o campo de futebol, foram conquistados a partir da articulação entre os membros da comunidade e as autoridades locais. Uma reivindicação de um espaço para ser usado em múltiplas atividades sociais, compreendidas também como atividades de lazer, para quem vive tanto na comunidade onde está situado como para quem vive em comunidades vizinhas que não dispõem de espaços similares. Consideramos que os espaços ou equipamentos de lazer públicos são necessários para garantir a convivência dos sujeitos, por proporcionarem lugar para atividades físicas, brincadeiras, jogos e eventos culturais. São espaços de convivência como propõe Cunha (2003), circulam estudantes da escola que fica próxima, as mulheres, jovens, homens de um grupo de veteranos que jogam representando a comunidade, as pessoas mais velhos que fazem parte do grupo da terceira idade, entre outros.

Considerado como um fenômeno cultural, o lazer vivenciado e praticado possui significado pessoal e social (GOMES; ISAYAMA, 2015). Têm como principais elementos as relações com o tempo (disponível), com os espaços e equipamentos e com o domínio de capacidades e fatores que o potencializam. Ainda, os espaços públicos são, a cada dia, mais necessários e de vital importância nos meios urbanos e rurais para propiciar o convívio social, que hoje é tão prejudicado pelo isolamento das pessoas. Sem o convívio, não há uma formação de identidade e pertencimento a uma comunidade (CUNHA, 2003). Às vezes, o lazer não faz parte da vida de muitas pessoas, que, por sua condição social e cultural, têm pouco ou nenhum acesso aos espaços de lazer, quer pela falta de tempo, quer pelas condições de localização espacial e deslocamento.

O assentamento onde as mulheres moram é o único que possui um ginásio, o que gera/produz uma oportunidade espacial para a convivência, além da igreja. As mulheres da pesquisa encontram-se semanalmente nele. O espaço foi construído em 2010 com recursos de emenda parlamentar; dispõe de uma estrutura minimamente confortável, é fechado, a quadra é de piso, tem rede nas laterais, goleiras, copa, cozinha e banheiros. Sua localização favorece que outras comunidades de assentamentos vizinhos possam jogar com suas equipes,

ocorrendo uma interação entre as comunidades, o que demonstra que o espaço de lazer tem uma importância social por ser um espaço de encontro e de convívio. Abaixo, segue imagem do ginásio.

Figura 1- Imagem do Ginásio Poliesportivo Adão Preto, do Assentamento Rondinha.



Fonte: As autoras, 2017.

Esse ginásio tem despesas de manutenção, água, luz e limpeza. A diretoria da comunidade é quem administra o ginásio e cobra um valor simbólico por jogo. O valor pago para jogar uma hora é de quinze reais. Para as mulheres, segundo os seus discursos, o que precisa melhorar no ginásio é a disponibilidade de horários, porque este é aberto apenas três vezes na semana. Dos horários disponíveis, uma hora é para as mulheres, uma hora para os homens e outra para o time dos veteranos. A cada quinze dias, o ginásio é aberto no domingo. Por consequência disso, algumas mulheres deixam de ir a alguns jogos para que outras, que ainda não jogaram, possam jogar, como relata a seguinte entrevistada: Faz dias que eu não jogo, deixo para as outras. Está sempre cheio. É importante dar oportunidade para todas (Rosane, 41 anos).

Em alguns casos, quando há mais de um time de mulheres e poucos homens, estes liberam uma hora a mais para as mulheres. Existe uma igualdade de horários para que todos da comunidade e de outras possam jogar. As mulheres organizam-se para jogar, conforme vão chegando, formam as equipes. É raro acontecer, mas, quando faltam mulheres, elas convidam os meninos/homens para completarem a equipe. Contudo, elas sentem que, quando tem uma figura masculina jogando, o jogo muda, ficando mais acelerado, como conta a entrevistada, Silvane (27 anos) “com os guris, muda o ritmo; é mais acelerado, competitivo. Com as mulheres, é mais leve, consegue acompanhar na corrida, consegue tirar a bola mais fácil. Com os guris, é mais puxado”.

Considerando que o ginásio e o campo de futebol são alguns dos poucos espaços do assentamento em questão para a prática do lazer físico-esportivo, podemos dizer que essas mulheres têm restrições nos espaços de lazer; conseqüentemente, suas práticas vão ser diferentes das mulheres que residem nos espaços urbanos. Os espaços no meio rural geralmente concentram-se em campinhos e canchas de bocha, espaços abertos que são frequentemente ocupados por homens, deixando com isso o público feminino com menos alternativas de pertencimento. Compreendemos, nesse sentido, a importância do ginásio como lugar demarcador de forças simbólicas para a prática do lazer físico-esportivo. Ainda, o ginásio, como um espaço mais protegido, permite que as mulheres dele usufruam e nele marquem presença, conforme descreve em seu discurso Loedi (37 anos) “Ficou tudo melhor (depois do ginásio), agora, a gente vai à noite também, jogamos e, como a família vai junto, tem as amigas... Fazemos janta depois do jogo”.

Aitchison (1999) afirma que o espaço público é baseado em fatores que vão muito além do conceito de espacialidade física. De acordo com a autora (1999), espaços são construções culturais, repletas de simbolismos que moldam nosso entendimento de pertencimento mediante relações de segurança e de poder. Espaços são, portanto, construções culturais que negam ou permitem o acesso dos grupos a certos locais geográficos. Neste caso, o ginásio, um ponto importante de apoio nessa localidade, o que ajuda nas condições de possibilidade para esse grupo de mulheres rurais usufruírem do lazer de caráter físico-esportivo com maior efetividade.

Quando questionadas se os espaços de lazer são suficientes, as entrevistadas responderam que eles atendem parcialmente suas necessidades familiares e dos grupos frequentadores de tais espaços (quanto a gênero, idade, entre outros). Nesse sentido, para que o lazer delas se realize, afirmam que “é de fundamental que se tenha espaço e tempo claramente estabelecidos” (Mari, 31 anos).

VAMOS PARA A QUADRA E JOGAMOS, SIM

Esse grupo de mulheres pesquisadas indicam que dividem o espaço como ginásio e os tempos com os seus companheiros e os outros homens e que se organizam para tal prática de modo a serem reconhecidas em pé de igualdade. Como as próprias entrevistadas comentam homens e mulheres são diferentes e se considerar a história da participação da mulher no esporte esta diferença já foi bem maior, principalmente no que diz respeito aos direitos de participação da mulher, por exemplo.

As mulheres pesquisadas vêm afirmar e firmar sua posição em quadra⁸ a partir de suas práticas físico-esportivas, nomeadas aqui de lazer. Para estas mulheres, o “futebol não é um esporte só de homem. Aqui é de homem e de mulher. Aqui as mulheres são habilidosas, têm muita garra. As mulheres sabem jogar futebol e com qualidade. Vamos para a quadra e jogamos, sim (Mari, 31 anos).

Com vistas a compreender esta categoria de análise, salientamos que os jogos são realizados da seguinte maneira: conforme as mulheres vão chegando ao ginásio, vão se formando as equipes, sem grandes critérios (quanto ao time, posições, número de jogadoras). Na quadra, organizam-se os jogos: uma em cada gol, se revezam, distribuem-se e jogam. Comemoram os gols e as jogadas bonitas, assim como riem das jogadas que são “furadas”. Em poucos minutos, estão em sincronia, gesticulam e vão mostrando uma para a outra como é possível conseguir força e alcance na perspectiva das condições de jogo.

Observando os discursos sobre os jogos das mulheres, percebemos que o rendimento esportivo não é o mais importante; elas não se preocupam tanto com a performance. Jogam com empenho e envolvimento e, ao mesmo tempo, preocupam-se em manter o ambiente cordial, descontraído, divertido. De um lado, as mulheres aperfeiçoam suas habilidades no grupo; de outro, vivenciam os jogos como encontros com muitas brincadeiras, gozações e jocosidades (sobre sua performance).

Esses jogos são classificados por elas como pertencentes ao esporte-diversão. Quando questionadas em relação ao futebol como uma prática de lazer, percebemos nos discursos que o futebol/futsal (em sua simbologia) é tido como uma categoria que proporciona prazer, satisfação, e que, por esse motivo, pode ser considerado como lazer. Podemos analisar essa questão na fala da entrevistada a seguir.

Você considera o “jogo” de futebol/futsal como uma prática de lazer?

Sim, pois entendo que o lazer corresponde ao tempo de folga, de passatempo, de descanso, distração ou entretenimento. Assim este esporte propõe pessoalmente aquele momento de diversão, que faz com que você esqueça qualquer outra questão e viva intensamente o que está se fazendo em campo/quadra. Por isso acredito que ficamos comentando sobre o que acontece durante os jogos posteriormente. Penso que há um investimento psíquico e de ordem biológica muito grande relacionado a este esporte, que, por mais que exija fisicamente, nos traz uma sensação de prazer. (Andrieli, 24 anos).

Esse grupo de mulheres também participa de campeonatos externos entre os assentamentos, a nível regional, o que lhes possibilita sair para lugares diferentes e criar

⁸Segundo a Conmebol a partir de 2019, os clubes de futebol do Brasil que não tiverem um time feminino disputando competições nacionais estarão proibidos de disputar a Copa Libertadores.

novos vínculos sociais, novas relações de amizade. Os encontros, neste grupo, apresentam características muitas vezes vistas como opostas, mas que nele se tornaram complementares: brincadeira e seriedade; lazer e abertura para novas práticas e aprendizagens sociais, conhecimento e ludicidade.

Esse grupo de mulheres rurais não abrem mão de suas práticas físico-esportivas, saem de casa, na maioria das vezes, com filhos e cônjuges; são mães, mas não deixam de viver seu momento. O que observamos no grupo de mulheres é que as que são casadas, a maioria delas tem o apoio da família/esposo para usufruir de tal prática. O fato é que elas construíram essa posição de partilha de dividir as tarefas, tanto no trabalho, quanto no lazer. Ainda relatam, nos seus discursos, dois movimentos diferentes: primeiro, do apoio familiar; segundo, quando não se tem o apoio. No primeiro movimento, temos o relato de Mari (31 anos)

Geralmente meu companheiro não acompanha as atividades esportivas, mas ele me apoia e cuida da nossa filha para praticar tal esporte. Até mesmo em competições estaduais (Campeonato da Reforma Agrária), ele cuidou de nossa pequena durante o final de semana.

Conforme enunciado acima, podemos analisar que a família oferece apoio e acompanha. Os cônjuges cuidam dos filhos e do lar enquanto as mulheres estão nos jogos e/ou em alguma competição. O outro movimento que podemos observar nos enunciados desse grupo é “vamos para a quadra e jogamos, eles querendo ou não”. Esse movimento refere-se ao fato de que as mulheres se impõem e dão lugar à prática do lazer físico-esportivo. A discriminação e o preconceito não são concebidos por essas mulheres como impasse para não jogar futebol, como vemos no discurso de Adrieli (16 anos)

[...] não mudo de posição, pois nem sempre estamos de acordo em todos os assuntos com nossos pais e/ou companheiros; ideias diferentes existem, e temos que lidar com essas questões. Continuo jogando futebol, vou para a quadra e jogo, sim, ele querendo ou não.

Percebemos que muito se tem conquistado no âmbito do esporte feminino, pois “as mulheres abrem mão da chamada passividade, ternura e obediência em troca de assertividade, agressividade e ambição, ou seja: de assumir um comportamento mais singular que incorpora quaisquer tipos de estereótipos sexuais” (SIMÕES, 2004, p. 28). Ainda que a presença da mulher no lazer não seja privilégio de todas, podemos dizer que é um cenário onde o gênero feminino está começando a ser representado.

Lugar de mulher é nos espaços de lazer, no esporte, sim! No futebol, no vôlei, e também na bocha! Mulheres chutando, correndo, arremessando, ganhando destaque nas quadras, como dizem as mulheres que tiveram que dar prioridade para conquistar seu espaço.

Por isso, repetem a máxima “se ele joga, eu jogo”. “É muito importante que a gente, como mulheres, mostre que podemos estar aonde quisermos”, como afirmam Rafaela (21 anos), Mari (31 anos), Andrieli (24 anos).

ALGUNS CONTORNOS FINAIS

Neste desafio de pensar esse grupo de mulher rurais e o lazer físico-esportivo, fizemos a pergunta: o que podem as mulheres? Podem ampliar, e muito, as possibilidades de vivências de lazer além das atividades passivas e rotineiras (AVITAL, 2017). Esse grupo de mulheres rurais assume como lazer principal as práticas esportivas, uma vez que encontram motivação e abrem as condições necessárias. Sabemos que as aprendizagens facultadas às mulheres dependem da possibilidade de determinadas condições, no caso, de meios para alcançar determinados fins. A maior parte de nossas ações, escolhas e comportamentos é produzida pelas condições em que vivemos – condições para que as práticas e as aprendizagens aconteçam.

Não podemos deixar de nos perguntar em que medida grande parte do meio rural brasileiro tem essas condições de possibilidade. O Brasil pouco tem avançado no sentido de incentivar a implementação de políticas públicas de esporte e lazer para o meio rural. Como constatamos, em todo o município de Joia/RS, há um único assentamento/comunidade que tem um ginásio com infraestrutura e do número de mulheres que foram pesquisadas, podemos considerar que poucas tem essa experiência.

Salientamos que as práticas físico-esportivas desse grupo de mulheres se constituíram, em parte, na escola, nas aulas de Educação Física. Entendemos a escola como espaço público que tem papel fundamental e que muito pode fazer ensinando todos os sujeitos – e, de forma pontual, as meninas – para mudar o quadro desigual e, conseqüentemente, abrir novas oportunidades de práticas corporais e/ou físico-esportivas das meninas/mulheres. Compreendemos que a escola é o primeiro espaço público para enriquecer as práticas corporais e físico-esportivas de todos. Notamos que as práticas físico-esportivas foram aperfeiçoadas no coletivo do acampamento e posterior assentamento, quando já na idade adulta.

É necessário compreendermos que é um conjunto de fatores que produz essas pequenas mudanças. Vimos alguns pontos de apoio que constituíram e mantiveram as entrevistadas na posição de mulheres que usufruem de um lazer físico-esportivo. Nosso investimento analítico aqui não se propõe como conclusivo; longe disso, apresenta alguns

elementos para pensar e busca, assim, manter aberto o diálogo sobre essa problemática, como uma abertura e contribuição para o debate.

REFERÊNCIA

AITCHISON, C. New cultural geographies: The spatiality of leisure, gender and sexuality, **Leisure Studies**, Colchester, v. 18, n. 1, p. 19-39, 1999.

AVITAL, D. Gender differences in leisure patterns at age 50 and above: micro and macro aspects. **Ageing and Society**, Cambridge, v. 37, n. 1, p. 139-166, 2017.

BAUMAN, Z. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BRASIL, Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CUNHA, Rita Dione Araújo. Os espaços públicos abertos e as leis de uso e ocupação: uma questão de qualidade para ambientes sustentáveis. **Anais...** apresentado no III Encontro Nacional Sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis (ENECS), 2003.

DEL PRIORE, M. **Histórias do cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e Cultura Popular**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 2010.

GAELZER, Lenea. **Lazer: benção ou maldição?** Porto Alegre: Sulina, 1979.

GOELLNER, S.V.; BOTELHO-GOMES, P.; SILVA, P. Sobre feminismos, o esporte e o potencial pedagógico dessa relação. *Labrys, études féministas/estudos feministas*, Porto, jul/dez. 2012. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys22/education/silvana.htm>. Acesso em: 12 dez. 2016.

GOMES, C. L.; ISAYAMA, H. F. (Orgs.). **Direito social ao lazer no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

HANKONEN, N. et al. What explains the socioeconomic status gap in activity? Educational differences in determinants of physical activity and screentime. **BMC Public Health**, London, v. 17, n. 1, p. 144-152, 2017.

IBGE- **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Portal Cidades**. <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>. Acesso em 08 de janeiro de 2017.

JAEGER, Angelita Alice. Gênero, mulheres e esporte. In: **Rev. Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 199-210, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.pibid.ufpr.br/pibid_new/uploads/edfisica2011/arquivo/274/GENERO_MULHERES_ESPORTE.pdf>. Acesso em: 5 maio. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas: Papyrus, 1990.

MEYER, D. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. *Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG*, v. 6, n. 1, p. 81-104, 2006. Disponível em: < <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/198>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

PILCHER, K. A ‘sexy space’ for women? Heterosexual women’s experiences of a male strip show venue. *Leisure studies*, Colchester, v. 30, n. 2, p. 217-235, 2011.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v.20 (2). Porto Alegre, 1995.

SIMÕES, Antonio Carlos. **O universo das mulheres nas práticas sociais e esportivas**. In: SIMÕES, Antonio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman (Orgs.). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho*. São Paulo: Aleph, 2004.

SCHWENGBER, M. S. V. **Donas de si? A educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SCHWENGBER, M. S. V. PINHEIRO, N. L.G. M. GONZÁLEZ, F. J. Mulheres rurais: o deslocamento da atenção de ocupar-se de si no tempo de lazer para cuidar do outro. *Motrivivência*, Florianópolis/SC, v. 30, n. 55, p. 58-74, julho/2018.